

Entrevista a José Pacheco

De forma muito reduzida, em que pontos concretos é que a Escola da Ponte se diferencia das outras escolas?

Essa é uma pergunta de difícil resposta. Mas talvez possa afirmar que todas as escolas buscam o mesmo que a Escola da Ponte, mas que talvez na Ponte tivéssemos concretizado aquilo que devem de ser os objectivos de qualquer escola, que é fazer dos seus alunos pessoas mais sábias, mais felizes, mais pessoas, que vejam os outros como pessoas. Julgo que encontrámos uma das formas, uma delas, uma identidade visível para quem a visita.

Podia falar-nos um pouco da metodologia que utilizam na escola?

Muitas metodologias! É um modelo muito eclético porque sofre influências de muitas e variadas correntes, pedagogias, etc. Poderei dizer que a gestão de tempos e espaços é feita pelos alunos, desde que adquiram um grau de autonomia que lhes permita fazê-lo. Ao nível das aprendizagens básicas, a iniciação à leitura e escrita tem por referência, não a letra, mas a palavra ou a frase. No domínio da educação na cidadania passa pela criação de espaços de exercício de liberdade responsável. No campo das ciências, passa por protocolos de pesquisa contínuos em que os saberes se constroem sobre uma prática reflectida, etc. Portanto, há um conjunto de referências que nós fomos colhendo em mais de duzentos anos de produção teórica, tomando de variadas correntes. A metodologia é assim muito eclética. Não sei que mais é que posso dizer, o melhor será ir lá ver, que as crianças explicam.

Como é que a comunidade envolvente analisa e recebe essa metodologia?

Comunidade é um conceito algo abrangente... Os pais que matriculam os seus filhos naquela escola fazem-no, quase todos, conscientemente. Enquanto outras escolas têm uma área de influência de meia dúzia de quilómetros, imposta pelo Ministério, a nossa comunidade tem uma área de influência que é todo o país, ou mesmo todo o mundo (temos alunos vindos do outro lado do mar...) e recebe alunos residentes a mais de cinquenta quilómetros de distância da escola. Temos alunos desde Braga a Vila Nova de Gaia, de Penafiel ao Brasil... Neste contexto de comunidade, de fraternidade educativa, os pais aderem e defendem o projecto até às últimas consequências. Num círculo mais próximo da escola, temos algumas reacções políticas e sócio-profissionais que são de oposição ao projecto. É uma longa história de resistência de pessoas que entendem que as escolas têm de ser todas iguais, que não toleram que sejam diferentes. Eu considero que essas pessoas nos ajudam bastante porque, estando contra o projecto, nos ajudam a ver as fragilidades do projecto e a corrigir os erros. Estou imensamente grato quer aos políticos quer a alguns professores de outras escolas que vão fazendo a detratção do projecto dizendo que ele não serve, que ele não presta porque, no meio daquilo que dizem, que são muitas asneiras também, dizem algumas coisas que são verdades e que nos avisam realmente que nós temos que estar atentos e perceber que não nos podemos extasiar-nos perante os produtos, que é tudo um recomeço, é tudo a verificação das imperfeições. Um projecto humano é isso mesmo, incompleto e inacabado, e precisamos desses contributos. Localmente, a escola não é vista como fora da localidade. Muitas pessoas que residem perto da escola nunca a visitaram, não a conhecem, mas são sensíveis a

boatos e têm uma ideia deturpada da Escola da Ponte, um conceito muito negativo. Porém, passando esse primeiro “anel de sufocação”, indo para além de dois ou três quilómetros de distância, as pessoas que conhecem a escola, que vão até lá têm a sua opinião mais avalizada. E há até quem mitifique a escola, que é outra forma negativa de a ver.

Qual é o feedback a nível de sucesso escolar, que vos chega, depois deste processo?

Se nos cingirmos àquilo que é considerado pelos investigadores e, nomeadamente, pela Comissão de Avaliação que o Ministério nomeou e que fez uma avaliação da escola, se considerarmos que o mais importante para essas pessoas, no fundo, é o resultado académico, ou seja, o desempenho dos alunos, nas escolas para onde transitam, ao nível do português e da matemática, os resultados da análise das notas da pauta das EB2,3 para onde eles vão mostram que os nossos alunos são os melhores alunos em todas as áreas e disciplinas em relação aos alunos de outras escolas. Isto é um dado adquirido, uma evidência de que eu nem suspeitava. Mas isso não me interessa mesmo nada. Sinceramente, não dou qualquer valor a isso, absolutamente nenhum. Mas foi muito importante na medida em que, enquanto prova de utilidade social, o nível académico é tido como referente máximo. Se os nossos alunos, que transitaram para outras escolas – e estou a falar das notas de pautas de dez ou vinte anos lectivos, não de um ano ou dois – são, efectivamente, os melhores alunos, e isso foi verificado pela própria Comissão de Avaliação que o Ministério fez nomear, isso é um bom indício. O que nos importa mais é que eles sejam bons, não só na matemática, no português, nas ciências, no inglês e por aí adiante, mas que sejam também pessoas e que vejam os outros como pessoas que são... Neste capítulo, há histórias de vida muito interessantes, que mostram haver uma influência muito grande da passagem pela Escola da Ponte e que, eu devo sublinhar, não foi tolhida pelos professores que eles depois encontraram pelo caminho, nos restantes ciclos. Eles devem ter tido professores muito atentos nos outros ciclos também, porque conservaram alguns dons, algumas competências que fizeram deles aquilo que são. Outro dado interessante é o de muitos ex-alunos da Ponte optarem por áreas como as artes, a arquitectura, a comunicação social, a investigação científica ao nível das ciências ditas naturais e exactas, etc. Isso dá-nos matéria para reflexão. Para além do facto de o presidente da associação cultural mais importante da vila ser ex-aluno da Ponte e de também ser ex-aluno da Ponte o chefe dos escuteiros e o comandante dos bombeiros da vila...

O projecto “Fazer a Ponte” já foi alargado a outras escolas?

Não foi, nem poderá sê-lo. Mas é verdade que influenciou muitas escolas. Ou melhor, não escolas, mas professores, professores que nas suas salas de aula – dado que não conseguem fazer da escola um espaço de projecto – desenvolvem projectos que têm muito daquilo que colheram na Ponte, mas associado ao seu próprio estilo, à sua personalidade, aos seus conhecimentos, que são diferentes dos nossos.

Tenho passado grande parte do meu tempo dito livre em outras escolas, ficando comovido e maravilhado com algumas coisas que alguns professores, muitos professores, vão fazendo – quer em Portugal, quer no estrangeiro – depois de terem visitado a Ponte. Depois de terem feito lá os seus estágios de formação contínua, modificam-se, porque os professores são pessoas inteligentes e querem o melhor para os alunos. Vendo que a

Ponte tem ideias e práticas que lhes agradam, e que podem melhorar as suas práticas, esses professores acolhem-nas e fazem-nas suas, transformando-as, sem cederem à tentação de copiar um modelo, pois compreendem que não há clonagem de projectos, felizmente.

Os professores que têm essa espécie de formação na Escola da Ponte e que depois tentam aplicá-la não estarão a pôr em risco os tradicionais moldes da educação?

Estão, mas nem precisariam. A Escola, tal como a conhecemos, está em degradação permanente e irá desaparecer. É pena que a maioria dos professores ainda não tenha verificado que ela já não serve, que é uma instituição que serve (e mal!) necessidades sociais do século XIX...

Qual é neste momento a divergência concreta entre a Escola da Ponte e o Ministério da Educação?

O Ministério da Educação diverge de nós porque está mal informado ou porque não quer informar-se. A Escola da Ponte só quer aquilo que é dado a todas as escolas: o direito de desenvolver um projecto. O Ministério considera que não deve haver, neste momento, 3º ciclo na Ponte. Mas a Escola da Ponte (ou a Escola Básica Integrada que somos) é uma escola até ao 9º ano. Quando, para justificar a suspensão do 3º ciclo, o Ministério invoca a alteração à Lei de Bases, eu pergunto como é que uma alteração a uma Lei de Bases que ainda não foi feita pode ter efeitos retroactivos, sendo ela própria uma lei mental, algo que não existe? Há aqui uma questão de princípio: nós exigimos respeito, se o Ministério se quer ver respeitado. É tudo uma questão política, que não tem nada a ver com pedagogia. Terá a ver com falsas informações que terão chegado ao ministério e com o facto de o ministério não querer saber da realidade. Isto levar-nos-ia mais longe, mas acho melhor ficarmos por aqui...

Quais tem sido as formas de luta ou explicação do vosso trabalho perante esta divergência?

Quando os decisores, em particular o ministro e o secretário de estado, quiserem ir à Ponte (nunca lá foram e seus antecessores foram) e virem o que lá se passa, quando virem a realidade, toda a divergência que possa existir desaparece. Faço sempre um apelo: que não se creia nos maus políticos que temos, sobretudo políticos locais que aproveitam toda e qualquer mudança conjuntural para nos prejudicar. As pessoas do Ministério devem ir lá, ver com os olhos, ouvir com os ouvidos, e decidir depois. Se o fizerem, esta escola não vai só até ao 9º, vai até ao 12º ou até mais além. Perdoai a presunção, mas é mesmo assim: este projecto serve para qualquer dos segmentos do sistema. E mais: a base deste projecto serve também para o ensino superior. E eu sei muito bem o que digo, porque também trabalhei no ensino superior, e os professores que lançaram um dos cursos superiores com mais crédito nas nossas universidades afirmaram terem adoptado o modelo da Ponte (visitaram-na, estudaram-na e fizeram adaptações). Não venham, pois, dizer que não resulta no 3º ciclo, ou que é melhor, para já, consolidar o 2º ciclo. Eu pergunto o seguinte: se o Ministério põe em causa que este projecto funcione no 3º ciclo, por que não põe em causa os terceiros ciclos de outras escolas, que mostram que os alunos saem do 9º ano desqualificados. As investigações provam que 40% dos alunos não completam o 9º ano com 15 anos. Por que razão o ministério não se preocupa com essas

escolas (que são a grande maioria) e nos complica a vida? Por que não se preocupa com as escolas que ainda não foram avaliadas e se preocupa com a nossa, a única até agora avaliada... e que provou ser de elevada qualidade? É isto que eu não entendo. Gostaria que o senhor ministro nos explicasse o paradoxo.

Os alunos são prejudicados no desajuste que sofrem ao transitar da Escola da Ponte para outra escola?

Já o foram, há uns anos atrás, e estou a falar de mais de 27 anos de trabalho. É muito tempo e aprendemos muito com o tempo... Esses alunos, no princípio, manifestavam alguma dificuldade de adaptação. Agora, ainda há algumas dificuldades, mas nós preparamo-los para realidades diferentes. Na Ponte, eles lá aprendem a ser solidários, mas também aprendem a ser competitivos, quando é preciso. Aprendem a trabalhar em grupo como aprendem a trabalhar sozinhos. Aprendem a gerir o seu tempo, mas aprendem também a respeitar os toques de campainha. Aprendem a seguir os seus planos, ou a seguir os planos do professor. Aprendem a definir os seus objectivos, ou a ouvir aulas. Aprendem a fazer protocolos de pesquisa, ou a não fazer pesquisa nenhuma. Temos que perceber que nós não podemos gerar seres incompatíveis com um sistema que existe lá fora. Nós educamo-los para a solidariedade, a autonomia e a responsabilidade. Mas eles têm que perceber que vão para contextos diferentes, onde a solidariedade, praticamente, não existe, onde a autonomia está longe de existir e onde a responsabilidade se associa muitas vezes à irresponsabilidade e libertinagem. Portanto, é preciso educá-los para saberem estar em diferentes contextos, senão geramos seres desajustados e infelizes.

Um breve cenário de futuro para a Escola da Ponte e para a Educação em geral.

O meu amigo Ruben Alves diz que há uma diferença entre optimismo e esperança. O optimismo é da natureza do tempo e a esperança é da natureza da eternidade. Na Ponte, somos esperançosos. Acreditamos nas pessoas (inclusivamente, nos decisores, nos ministros, nos secretários de estado, nos políticos, apesar de tudo...) e não desistimos. Resistimos, e porque temos razão, assumimo-la com todo o risco que isso implica. Por isso, eu vejo a Ponte como tendo futuro. Certamente em moldes diferentes, porque as pessoas que para lá foram nos últimos anos são diferentes e irão desenvolver um projecto à sua medida, à medida de um novo colectivo, embora muito daquilo que foi o projecto nestes últimos 27 anos se vá manter. Penso que sim, mas que seja aquilo que todos quiserem. Nesta medida, dado que o projecto é construção de cada um e de todos, eu tenho uma visão de futuro, não profética, como é evidente, e muito cautelosa, mas que me diz que o projecto vai continuar, vai melhorar. Como eu costume dizer, está agora a começar. O que aconteceu foi uma espécie de proto-história do projecto.